



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARIA IVETE GALLAS

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-613

Entrevistada: Maria Ivete Gallas

Nascimento: 04/11/1968

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte – Porto Alegre/RS

Entrevistadora: Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 29 /10/2015

Transcrição: Laura Andrade

Copidesque e Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 31 minutos e 32 segundos

Páginas Digitadas: 38 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no esporte; Relação com futebol na infância; Clubes que atuou; Campeonatos no Rio Grande do Sul; Experiência do Saad Futebol Clube; Seleção Brasileira de Futebol Feminino; Experiência como jogadora, treinadora e gestora; Futebol e Futsal; Seleção do Irão de Futsal; Experiência como treinadora no Irã; Jogos Olímpicos Islâmicos;

Porto Alegre, 29 de outubro de 2015. Entrevista com Maria Ivete Galas a cargo da pesquisadora Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Olá Ivete, para iniciar eu gostaria de te agradecer por disponibilizar teu tempo para essa entrevista...

I.G. – Eu que agradeço!

P.J. – Queria que tu contasse para a gente como começou teu envolvimento com o esporte. Desde a tua infância, como é que era? Como é que iniciou a tua trajetória?

I.G. – Começou assim: eu devo ter nascido com esse dom porque com quatro, cinco anos eu já jogava futebol. E não é normal em uma família do interior, com sete filhas mulheres e eu tenho um irmão. Eu sempre gostei de futebol e não sei te dizer o porquê desse gosto por futebol, eu só sei que eu jogava então nós não tínhamos bola. Nós tínhamos umas laranjas que nós usávamos como bola ou fazia de meia... A gente inventava qualquer bola. Quando eu comecei ir para escola com seis anos de idade, eu acho... Esse fascínio por futebol era tão grande que eu fazia todo mundo jogar futebol! Minhas primas, todas as minhas colegas de aula jogavam, as professoras... Na minha época de escola todo mundo jogava futebol. A gente não fazia outra atividade física, no fim de semana eu me reunia com as minhas primas para jogar futebol com os guris nos poteiros por aí fora. Então sempre foi a questão do futebol. Essa paixão foi crescendo e eu não tinha tanto contato com clubes, não tinha uma tecnologia naquela época. Não tinha nada. A minha irmã, que é mais velha, uma das mais velhas, ela começou a jogar futebol, ela saiu de casa, foi jogar futebol fora de casa. Ela jogava futebol em Montenegro¹ que é a cidade mais próxima que tem lá...

P.J. – Isso que tu está me contando era no interior de Montenegro?

¹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

I.G. – Isso, interior de Montenegro. E ela jogava na equipe da Tanac² e ela estava lá acho que um mês jogando e resolveu me levar. Ela disse: “Não, tu vai jogar!”. Eu tinha doze anos de idade! Aí eu fui. Nos sábados à tarde eu ia para lá, ela me levava. E os treinos eram sábado à tarde e os jogos no domingo. Jogos ou torneios no interior de Montenegro. Na época começaram a surgir torneios em Feliz³, na região de São Sebastião do Caí⁴.

P.J. – Só de mulheres?

I.G. – Só de mulheres. Começou a ter várias equipes femininas na época e tinha umas que eram aqui de Porto Alegre... Estrela Vermelha⁵, que eu lembro que era um equipe daqui, o Independente... Equipes que eram aqui de Porto Alegre que eram as “bambambam” e aí eu já comecei a jogar na Tanac e mesmo com doze anos eu já era titular porque eu me destacava. Só que o meu problema era ir treinar aos sábados porque eu tinha aula aos sábados à tarde, então, eu tinha que matar aula para ir no treino e eu tinha que driblar meu pai também porque eram sentidos contrários... Porque minha aula era em Salvador do Sul⁶ que era em um sentido e eu ia para Montenegro que era no outro. Só que eu conseguia fazer essa “maracutaia” e ia para os treinos, comecei a jogar na Tanac. Acho que eu jogava há uns dois anos lá, três e a gente jogava esses torneios todos e aí fui conhecendo e me familiarizando com a questão do futebol feminino. E daí um dia a gente fez um amistoso contra o Internacional⁷ de Porto Alegre e nessa época eu comecei a conhecer mais o futsal e comecei a jogar porque era mais fácil. Eram seis, sete atletas era mais fácil da gente se reunir, era mais barato para se locomover e eu comecei a entrar na onda do futsal. Então a gente criou, dentro de Montenegro mesmo, uma equipe que a gente começou a disputar torneios de futsal... Tudo tinha torneio então a gente pegava um ônibus e vínhamos jogar. E aí quando eu já tinha quinze anos a gente teve um amistoso contra o Inter e eles me chamaram para ir jogar na equipe depois desse jogo. Mesmo com quinze anos eu já morava em Montenegro com os as minhas irmãs e estava fazendo o curso Técnico em Química... Eu vinha três vezes por

² Empresa de atacado e fabricação de produtos químicos.

³ Município do estado do Rio Grande do Sul.

⁴ Município do estado do Rio Grande do Sul.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁶ Município do estado do Rio Grande do Sul.

⁷ Sport Club Internacional.

semana, pegava o ônibus às dezesseis horas para Porto Alegre. Treinava lá no Beira-Rio⁸ e umas dez e meia da noite voltava para Montenegro e assim foi a vida. Ia para lá e para cá, fim de semana jogava. E nesse meio tudo no futsal também. Fim de semana vinha e aí eu comecei a jogar numa equipe de Alvorada⁹, que era a do Funil¹⁰, que me convidaram, eu vim e gostei. Isso com quinze, dezesseis anos eu já jogava por tudo.

P.J. – E isso era com o futsal?

I.G. – Isso, era futsal em Alvorada. Porque futsal tinha campeonatos, tinha torneios, tinha competições, tinha Torneio de Sapucaia¹¹, Tinha o Metropolitano¹². E o campo nós não tínhamos competição, então nós queríamos competir. A ideia é crescer competindo! Então do Inter eu fui disputar... Eu fiquei lá um ano e meio foi na época que eu conheci a Duda¹³, foi na época que ela veio para o Inter e eu estava lá... Tinha jogadoras na época, era a Bel¹⁴, eram todas as gurias que estavam no Inter. Foi um aprendizado, mas lá a gente treinava muito físico e jogava pouco porque era pouca competição... Não tinha. E o Inter não entrava em qualquer partida, em qualquer campo, até pelo nome. Então eu mais jogava futsal, competições eram de futsal e o Inter meio que proibia a gente de jogar futsal então ficava essa disputa. E nisso surgiu um brasileiro de futsal e o Inter foi participar. Foi o meu dilema porque o treino do futsal era das dez à meia noite aqui em Porto Alegre.

P.J. – Do Inter?

I.G. – Isso. E eu não tinha onde dormir, como é que eu ia ficar até meia noite? Mas eu queria e aí eu consegui, como eu já jogava em Alvorada e conhecia, um lugar para ficar em Alvorada. Então até hoje eu faço coisas que o povo diz que eu sou louca pela parte da segurança porque eu pegava ônibus uma hora da manhã no centro e ia até Alvorada. Mas

⁸ Estádio de futebol pertencente ao Sport Club Internacional.

⁹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

¹⁰ Nome sujeito a confirmação.

¹¹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

¹² Campeonato Metropolitano.

¹³ Eduarda Marranghello Luizelli.

¹⁴ Isabel Cristina de Araújo Nunes.

sempre por amor e porque eu queria. Fui para o brasileiro de futsal em Petrópolis¹⁵ no Rio¹⁶ com o Inter. A gente foi até a segunda fase, depois acho que não seguimos até porque é difícil competir a nível nacional pelas competições quem tem a nível de Brasil, no Rio Grande do Sul a gente sempre teve essa dificuldade. Depois continuei no campo, fui jogar um Campeonato Brasileiro em Brasília com o Inter e em seguida eu meio que me desiludi com o futebol de campo e aí eu só joguei futsal. Joguei Estadual¹⁷, Metropolitano, as competições gerais que tinha e era... Aí eu disse: “Vou para o futsal, no campo não tem o que fazer”. Só em 1993 a Federação Gaúcha¹⁸ tinha Campeonato Brasileiro de Seleções e o Inter não tinha mais equipe, não tinha nenhuma equipe de futebol de campo no Rio Grande do Sul.

P.J. – Isso em que ano?

I.G. – 1993. Eles convocaram as atletas para fazer uma peneira¹⁹ lá no campo suplementar do Beira-Rio. “Bah!”. Eu cheguei lá e era tanta mulher no campo e o pessoal que a gente conhecia só ria. Era muita gente! Todo mundo queria ser da Seleção Gaúcha. Então eles foram eliminando, foram selecionando. Eu me lembro que eu entrei em um time que era muito ruim! A primeira corrida que eu dei no fundo dei um carrinho e tirei a bola o cara mandou: “Pode ir separando!”. Eu fui indo, daquelas setenta que tinham e eu fui ficando na seleção. No início, desesperador, porque tinham as estrelas, e eu nunca fui uma craque, eu sempre soube da minha limitação, só que eu treinava muito. Eu sempre me preparei porque eu não era craque então eu tinha que me destacar. Eu treinava muito em casa. Hoje o pessoal diz que não tem condições e eu não tinha condições. Eu treinava e tinha meu centro de treinamento em casa. Tudo era treinamento pra mim, eu ficava vendo o que o pessoal fazia... Eu não tinha internet, imagina se eu tivesse internet na época! Eu via na televisão programas desportivos como é que os outros grupos treinavam e eu fazia isso em casa... No futsal eu não conseguia chutar de voleio²⁰ então eu treinava o voleio. Eu arrumei um poste de eucalipto, botei uma corda, uma bola e eu arreventava a corda de tanto eu treinar voleio. Eu

¹⁵ Município do estado do Rio de Janeiro.

¹⁶ Rio de Janeiro.

¹⁷ Campeonato Estadual de futsal.

¹⁸ Federação Gaúcha de Futebol.

¹⁹ Seleção de atletas.

²⁰ Chutar a bola de lado, com os dois pés fora do chão.

comecei a fazer horrores de gols de voleio e ninguém entendia por que. Claro, eu treinava horas de noite depois da aula em casa a chutar com a direita com a esquerda. Então por isso eu me destacava. Eu sei que é muito isso porque eu nunca fui craque de bola de ter habilidade, eu sabia da minha limitação, mas o treino fez eu me destacar de todo mundo. Tinha uma época que todos os times queriam que eu jogasse e isso pra mim algo e eu continuava treinando porque eu sabia que eu tinha que treinar porque se eu parasse... Aí na Seleção Gaúcha, chegou um ponto que eu disse assim: “Bah, acho que eu vou ser cortada da Seleção.”. Só que trocou o treinador... Quem era o treinador? Acho que era o Mumba²¹, um senhor moreno... Ele ficou doente e não pode continuar e o auxiliar dele assumiu a Seleção. Quando o auxiliar dele assumiu a Seleção no primeiro dia ele me deu o colete de titular, porque ele estava me observando acho que desde o primeiro dia que eu estava lá e o outro treinador não enxergava... Ele chegou e dali eu não sai mais. E para mim a surpresa foi que na estreia do brasileiro ele me escolheu como capitã da equipe. O nosso time era cheio de estrela: a Duda, a Bel. E ele me colocou como capitã da equipe. Eu sempre tive essa questão do pessoal dizer assim: “Ah, por que...?” Na Seleção Gaúcha fomos para o Brasileiro e eu era a cobradora oficial de pênalti, então, durante o campeonato acho que fiz três gols de pênalti... “Bah”, zagueira que faz gol! Mas era de pênalti que eu fazia gol [risos]. Eu sabia das minhas limitações e sempre consegui me destacar. A gente ficou em terceiro naquele Brasileiro e logo em seguida eu voltei, voltei... A gente estava disputando o Estadual de futsal naquela época pelo Funil. E era bem na época da divisão da FIFUSA²², que virou CBFS²³, futsal. Foi onde fez essa migração para o futsal. A CBFS fez o Brasileiro na Bahia de Futsal e a FIFUSA fez em Itapeva, São Paulo, organizado pelo Romeu Castro²⁴, do Saad²⁵, que fez toda a organização. E tinha uma equipe, o Ajax Sander²⁶, até eles treinavam aqui na quadra da Cabral²⁷, iria para esse campeonato brasileiro. Estava inscrito, tudo pronto, passagens compradas... Iria Bel, Duda a equipe delas que era na época o Bruxas²⁸, que era o time delas, que iriam para esse campeonato brasileiro. Uma semana antes recebi o recado

²¹ Nome sujeito a confirmação.

²² Federação Internacional de Futebol de Salão.

²³ Confederação Brasileira de Futsal.

²⁴ Romeu Carvalho de Castro.

²⁵ Saad Esporte Clube.

²⁶ Nome sujeito a confirmação.

²⁷ Nome sujeito a confirmação.

²⁸ Bruxas Futsal Clube.

que a Rô²⁹, que era uma das integrantes do Ajax, queria falar muito, muito urgente comigo. Disse: “o que ela quer comigo?”. Então eu fui. Fui lá na quadra no dia de treino deles para saber o que ela queria, isso era um sábado. Eu disse: “Rô, do que tu precisas?” E ela: “Eu estou sem time para jogar o Campeonato Brasileiro. Eu tenho viagem quinta-feira e eu não tenho nenhuma atleta para ir”. Eu disse: “Como assim?”. Aí ela me falou que na Federação Gaúcha saiu uma nota dizendo que quem for disputar o campeonato da FIFUSA vai ser... Vai ficar por dois anos... Não vai poder disputar nenhum campeonato pela Federação. Eu disse: “Por que isso?”. Eu falei: “Eu quero ver toda essa coisa”. Eu fui ver porque tinha a Lei Zico, comecei a ler toda a parte de legislação, fui me informar porque nós não éramos atletas remuneradas. Nós disputávamos e pagávamos para jogar. Aí eu vi tudo e falei: “Eles não vão ter como fazer isso se não a gente ganha na justiça”.

P.J. – Nem no Inter tu recebeu?

I.G. – Não! A gente não recebia salário! E até essa época eu não sabia o que era receber dinheiro, era só investir, só pagava. No Inter eles pagavam as passagens. Era só. E do sábado até quinta eu montei a base da equipe de futsal que a gente tinha do Funil. Fiz pessoal botar atestado. Tem gente que... Fizeram horrores! Fomos viajar... quinta-feira viajamos. Quando a treinadora da nossa equipe ficou sabendo, nós já estávamos em São Paulo, ela enlouqueceu! O pessoal já estava comemorando porque nós já tínhamos sido eliminados do Gauchão de Futsal porque nós estávamos lá jogando. Fomos e disputamos, foi maravilhoso! Representamos muito bem! Perdemos a final para o Saad... Saímos ganhando a final de 2x0 do Saad, mas pelo preparo físico a gente não conseguiu, não suportou, não aguentou. Perdemos a final, mas para nós foi uma experiência... Lá eu conheci o Romeu e ele já tinha feito levantamento no histórico do brasileiro de campo e eu não estava sabendo disso dessa história e lá ele me conheceu. Conversei bastante com o Romeu... Eu sou de conversar bastante com as pessoas e um mês depois eles vieram... O Saad veio jogar em Porto Alegre... Teve tipo um torneio que fizeram aqui e veio um pessoal de Curitiba, de São Paulo veio... E aí o Romeu chegou e me fez a proposta pra eu jogar no Saad. Na época era cem dólares o salário. Isso era menos que o salário mínimo na época. E o povo disse que eu era louca! E com essa função de futebol, eu já estava naquela fase que eu não conseguia parar em

²⁹ Nome sujeito a confirmação.

emprego. Trabalhava aqui, já tinha me formado em Química, não conseguia emprego. E claro, tu não podia trabalhar fim de semana porque tinha que jogar, e tu começa a abrir mão de muita coisa pelo sonho. Eu pensei, pensei... E disse: “Sabe de uma coisa?” Eu fiz as minhas malas e fui para São Paulo. Em julho de 1994 eu estava embarcando para Campinas. Peguei, fui para Campinas, o pessoal: “Mas tu não conhece ninguém!”, “Não me interessa, o caminho que eu vou eu volto”. Fui e não me arrependo! Foi a melhor decisão que eu fiz, fui para lá. No Saad a gente tinha muita dificuldade, era o único clube profissional do Brasil. O Saad tentava de qualquer maneira não deixar o futebol feminino morrer, tinha muita dificuldade financeira, o Romeu sempre foi um batalhador pra manter o futebol feminino, correndo atrás de patrocínio, então a gente morava numa casa muito boa em Campinas, era um alojamento. A gente tinha campos para treinar, alguns não tão bons, a comissão técnica era da Seleção... Então ali foi uma época muito importante... Mas como eu já tinha essa parte de liderança nas minhas equipes de futsal... Quando eu estava lá um mês e pouco assim... Eu não consigo ficar muito tempo quieta no lugar, eu comecei a ver que tinha coisas na casa que eu podia ajudar. Eu comecei a falar: “Ó Romeu, se nós fizermos assim, quem sabe...” Comei a dar as minhas opiniões do que eu tinha já de experiência. O Saad foi disputar o Brasileiro, ficamos em terceiro lugar. Perdemos a semifinal também, começamos a disputar, ganhamos o Campeonato Paulista... Lá em São Paulo a gente dominava, atropelava os adversários... Era até uma vergonha... Chegava a dar dó de ver os adversários. Porque imagina, treinávamos dois turnos todos os dias, fazia musculação, fazia tudo e pegava umas jogadoras que nunca treinavam, tu atropela! Dez a zero para nós era... Na final do Paulista de 1995 eu e a Cloda³⁰ que era outra jogadora do Saad, nós tiramos um monte de fotos com o troféu antes da partida. E o povo dizia: “Que horas tiraram essas fotos aqui, depois...?”, porque eu sempre fui das fotos [risos]. Eu disse assim: “Antes do jogo.” E elas: “E se a gente perder?” “ Não, se a gente perder a gente coloca as fotos fora!” [risos]. Mas a gente tirava antes porque sabia que ia ganhar! Não tinha como não ganhar! Seria uma vergonha se a gente não ganhasse. Era uma obrigação nossa. E aí eu estava menos de um ano no Saad, e o Saad tinha o juvenil. O juvenil começou a fazer futebol de campo, começou a fazer jogos aqui e ali, mas com esse mesmo problema. Não tinha adversários à altura, porque elas treinavam fim de semana, faziam a parte física porque elas não moravam no alojamento. Elas vinham fim de semana e faziam os jogos.

³⁰ Nome sujeito a confirmação.

P.J. – Todas se dedicavam exclusivamente para a equipe ou não?

I.G. – As jogadoras profissionais sim. Nós morávamos, nós éramos atletas. Recebíamos para isso. Alimentação era por conta do clube, tudo era por conta do clube. Alimentação, parte médica, tudo era conta do clube. Eram cem dólares, mas eram cem dólares que a gente recebia no fim do mês livre, porque o resto... A passagem eles pagavam para nós irmos para casa, essas coisas todas o clube dava. E o juvenil só ia fim de semana fazer os treinamentos e voltavam porque as gurias estudavam. Então fomos morar em Indaiatuba³¹, numa chácara que era maior. O espaço era maior, tudo era melhor os campos lá eram melhores para treinar porque a prefeitura apoiava. E começaram a investir mais no juvenil e infantil começou a aparecer... E um dia eu vi... Fomos em um jogo no interior de São Paulo e olhando o juvenil jogar eu pensei: “Essas gurias vão aprender o que jogando com essas adversárias? Não vão aprender nada assim!”. Aí eu dizia para o Romeu: “Essas gurias tem que competir senão vão chegar com dezoito anos não saber o que é uma competição, uma final, a adrenalina de jogar uma final... Elas não vão acostumar a competir. Como é que nós vamos chegar?”. Ele disse: “É, mas não tem campeonato!”. Eu disse: “Sim, mas a Federação tem”. Porque futsal em São Paulo sempre foi muito forte, na Federação Paulista, o feminino. E ele disse assim: “Eu não gosto de futsal, mas se tu assumir, tudo contigo, toca a ficha, eu apoio”. “Bah!” foi a mesma coisa que dizer “monta a equipe”. Daí eu já peguei a treinadora... A goleira para ser treinadora de goleira, já fulano não sei o quê... Já pedi auxílio para o preparador físico, fui lá... E assim começou a treinar! Quando não tinha quadra, treinava no campinho de grama mesmo. Aí vinham umas jogadoras do juvenil e tinha umas que até estavam no adulto jogando e eu comecei... Entrei primeiro... Entrei com nove atletas no primeiro Estadual de futsal. Nove atletas. Cheguei lá, a Marvel³² tinha uma equipe, um elenco que era algo assim de quinze, vinte atletas de juvenil. As jogadoras se assustavam! Bom, primeira partida que a gente jogou contra a Marvel levamos uma goleada histórica. Então eu comecei a trabalhar o psicológico delas, só que eu só conversava, conversava... Quando a gente jogou a semifinal elas não jogaram bem. Jogaram muito, muito mal. No triangular final, teve uma partida que elas jogaram muito mal e o Romeu falou: “Se vocês jogarem assim com a camisa do Saad

³¹ Município do interior do estado de São Paulo.

³² Nome sujeito a confirmação.

eu nem vou mais insistir!” Mas era medo porque a gente nunca tinha ganho daquela equipe. Então eu comecei a trabalhar o psicológico delas porque eu já tinha... Essa parte de competição eu já tinha muito bem do futsal e competindo final e estadual. E comecei a trabalhar toda essa parte do psicológico. Chegou ao ponto que no último jogo, na semifinal mesmo, a gente foi jogar e elas perguntavam quem vai para a quadra e eu disse: “Eu e vocês!”. E elas perguntaram do Romeu e eu disse: “Não, ninguém vai. Eles têm vergonha de vocês!”. E elas me olharam e eu disse: “E se vocês não jogarem bem *hoje* vocês vão ver o que vai ser o problema para vocês” Chegou ao ponto que eu disse para elas assim: “Nós vamos para a federação hoje porque...” Eu vi uma delas dizer assim: “Ah, eu não joguei porque eu não estava muito ‘afim’ de defender”. A goleira falando e eu escutando ela falar e disse assim: “Nós vamos fazer assim, vamos para quadra hoje contra Marvel e vocês fazem o seguinte: deixem a mala de vocês pronta e a gente leva dentro da “topique”. Se vocês forem fazer o que fizeram semana passada na quadra eu já deixo vocês no Terminal Tietê³³. E fim de sonho de futebol e Saad para vocês!” Porque elas jogavam no adulto já. Queria que tu visse o olho delas! Arregalados, desesperadas me olhando. Eu falei: “Não, eu estou falando sério, eu não estou mentindo. Nós estamos com o nome do clube em mãos e se vocês fizerem isso vão ficar no Tietê. O Romeu me deu até o dinheiro da passagem de vocês”. “Bah” queria que tu visse... Chegamos na quadra... Nem eu conhecia elas jogando [risos]. Elas correram tanto! O pessoal dizia: “O que está acontecendo? O que essas gurias...” Elas correram tanto! Elas sabiam jogar! A gente jogava, a gente ensaiava... Chegava lá e fazia “corpo mole”? Ah, não! Espera aí! Elas jogaram tanto que nem elas acreditavam que era elas que estavam na quadra jogando daquele jeito. Então dali foi indo, depois que eu consegui montar no ano seguinte a equipe juvenil mesmo. Começou a ter peneira de juvenil, fim de semana quando não tinha jogo... Bom eu vivia trabalhando porque eu tinha... Fui dar tudo juvenil. Eu já tinha juvenil e infantil, eu já não tinha mais só o juvenil. E tinha o adulto que eu era atleta, então tinha toda a parte do adulto. Minha vida era... Eu vivia futebol assim tudo que é coisa, tinha que estar cuidando. E as atletas começaram a ter competição e muitas começaram a ir morar na chácara já com dezesseis anos, quinze anos. Já iam morar na chácara e treinar com o adulto. Elas tinham escola, só que elas eram de menor, então eu era a mãe. Eu que tinha que fazer a matrícula de escola, levar elas todos os dias, reunião de pais e não sei o que, tudo era comigo. Até hoje elas falam “mãezinha” e eu que fazia tudo isso. A parte de escola, a

³³ Terminal Rodoviário Tietê – São Paulo.

matrícula e rematrícula... E os pais chegavam lá fim de semana e diziam: “Bah’, Ivete...”
Então tudo eu via com os pais...

P.J. – Que idade tu tinha nessa época, Ivete?

I.G. – Ah, eu tinha vinte e poucos anos. Eu tinha o quê? Vinte e quatro, vinte e cinco anos, e já fazia toda essa parte. Eu acabei abraçando um punhadinho e peguei uma carreta inteira, mas isso tudo eu fazia por amor mesmo. Eu não recebia nada por isso, mas só de ver a felicidade e tu ver que está conseguindo fazer uma coisa para o esporte, pra mim já era suficiente. Eu já tinha minha parte do adulto... A gente foi bicampeão estadual... Assim, foi um campeonato muito disputado, a gente ganhou. A Marvel e a Sabesp³⁴ investiam muito no futsal. Então elas não aceitavam perder para o Saad. Aí começaram as peneiras. A Emily³⁵ foi uma que foi para lá, a Juliana Cabral³⁶ depois também foi porque ela jogava futsal. Então todas essas atletas acabaram indo para o Saad porque a gente já tinha competição, e depois em 1997 gradativamente a gente ganhou o brasileiro sub-17 com essas mesmas atletas. Começou a vir do atleta do Brasil todo porque todo mundo queria vir para o Saad. Então vinha assim... Vinha gente fazer peneira lá de onde a gente nem imaginava. Tinha umas que jogavam bem outras não, mas tu tinha que dar oportunidade. Então muitas vezes, mesmo no adulto, eu acabava auxiliando. Então eu começava a auxiliar. Quando o seu Zé Duarte³⁷ foi pra lá, eu auxiliava no que eu podia o seu Zé Duarte porque eu tinha alguma dificuldade física já, grande. E foi indo, indo e quando começou a dar um sério problema no meu joelho, o Romeu veio e me falou: “Bah, Ivete...” porque eu não conseguia treinar dois turnos. Eu treinava de manhã e de tarde e o meu joelho, minha perna, eu não conseguia subir escada mais, porque eu tenho problema de nascença na rótula do joelho. Ele falou: “Tu vai ter que definir, tu vai para outro clube jogar que não treina tanto quanto aqui ou o que tu quer fazer?” E como eu já estava nesse mundo de... “Pois é, então eu fico por aqui mesmo!” e fiquei de supervisora, quando eu entrei de supervisora depois comecei a ir para técnica.

P.J. – Supervisora do adulto?

³⁴ Associação Sabesp.

³⁵ Emily Alves da Cunha Lima.

³⁶ Juliana Ribeiro Cabral.

³⁷ José Duarte.

I.G. – Sim. Eu fiquei de supervisora mesmo, eu que cuidava de toda a parte de administração e toda a parte de esporte e de... Tudo da casa. Chegou um ponto que eu acumulei Saad e Seleção Brasileira. Eu trabalhava dezoito horas por dia em média, chegamos a ter quarenta e oito atletas dentro da chácara, para vocês terem uma ideia de como era grande a casa. Era algo assim... Quarenta e oito atletas. Tinha a parte da Seleção Brasileira e a parte do Saad.

P.J. – Só retomando naquilo que a gente começou a comentar no início... Tua família a maioria é de mulheres?

I.G. – Sim.

P.J. – E como era a relação dos teus pais, da tua família com a prática de vocês no futebol? Tu falou que tua irmã que te levou para o...

I.G. – Muito boa! Eles nunca tiveram nada contra bem pelo contrário, eles sempre apoiaram. Nunca me lembro do meu pai ter dito nada reclamando da questão de eu jogar futebol. Nunca tive esse problema dentro da minha própria família, da minha casa.

P.J. – E tu sentiu alguma dificuldade por morar no interior do Rio Grande do Sul ou por morar no Rio Grande do Sul? Essa dificuldade de equipes e de campeonatos?

I.G. – Sim. Muito grande.

P.J. – Mais do que lá?

I.G. – Sim, eu vejo hoje que atleta que consegue sair daqui e chegar é porque é muito persistente. Se tu não tiver persistência e não acreditar. Muitas atletas se perderam aqui no Sul por isso, por não conseguir levar porque nós não temos competição aqui, onde aparecer... Por mais que tenha problemas... Principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, eles tem campeonatos estaduais, campeonatos regionais. Os regionais... O Paulista³⁸ do interior é

³⁸ Campeonato Paulista.

muito forte! Eu disputei o Paulista do interior e cheguei a disputar paralelamente pelo Saad o campeonato pelo Saad e jogava pelo Assis³⁹ do interior, o paulista do interior. E é muito... Existem muito mais equipes em São Paulo, eles têm mais competições... A Federação por mais que por muitos anos ela não tenha apoiado... A Federação do interior apoia muito. Eles têm todos esses clubes do interior então eles sempre tiveram... Por isso que tem muito mais atletas de São Paulo e do Rio, porque por mais que tenham... Eles têm muito mais apoio. Aqui a gente tem essa dificuldade mesmo.

P.J. – Tu comentou que para fazer alguns movimentos nos treinamentos tu ia buscar outras referências. Tu lembra se na época tinha alguma referência de mulher jogadora em algum lugar que tu tenha visto? Quais eram as tuas referências?

I.G. – Não, não em referências bibliográficas ou outra coisa porque não tinha acesso à internet e nada disso. Eu me inspirava muito em atletas que já se destacavam aqui no Sul mesmo. Por exemplo, eu tinha uma atleta de Novo Hamburgo que eu gostava muito do futebol dela, que ela jogava. Era uma centroavante do futebol de... E ela tinha essa facilidade do voleio. Era uma atleta alta... Arlete⁴⁰ o nome dela, uma “baita” de uma centroavante! E ela tinha uma facilidade de cabeceio e eu ficava observando ela jogar. Como é que ela jogava... Os movimentos que ela fazia e eu tentava imitar e eu via que tinha limitação para isso e eu começava a treinar. Então tinha várias atletas que eu... Que se destacavam naquela época e que eram muito mais velhas que eu... Eu ficava observando a habilidade delas com a bola, os movimentos. Por exemplo, essa jogadora que eu estou falando fazia muito gol de voleio no futebol campo mesmo. A bola chegava na área e ela fazia o gol de voleio. Hoje a gente não vê isso, e eu me lembro muito que eu ficava observando ela jogando, o jeito que ela cabeceava, o jeito que ela subia pra cabecear de lado, de frente de... E aquilo me chamava a atenção porque não era todas as atletas, eram raríssimas. Então essas eram as minhas... Todo o fim de semana nós tínhamos competição. Era torneio em Feliz, em São Sebastião do Caí e era não sei o quê. Sempre tinha e isso, naquela época, acho que era até mais forte que hoje. Tinha uma época de 1984 a 1988, 1989, 1990 tinha muita competição extraoficial, sempre tinha torneio. Torneio de alguma cidade... Em Sapucaia tinha um campeonato muito

³⁹ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁰ Nome sujeito a confirmação.

forte organizado pela prefeitura, de futsal... Todo ano tinha esse campeonato. Tinha campeonato em Guaíba⁴¹. Haviam várias cidades que tinha aqueles campeonatos que acabava um iniciava o outro e fora isso tinha os torneios. Então a gente vivia viajando pra esses torneios também, a gente estava sempre... O grupo de atletas era bem grande naquela época então a gente sempre buscava usar referência.

L.M. – Eu vou te fazer uma pergunta. Eu gostaria de saber quanto tempo tu ficou exercendo as tuas atividades em São Paulo, por quanto tempo tu ficou? E por que a desistência de tu ter saído de lá? Apesar de tu ter conseguido títulos e de tu ter incentivado as meninas a entrarem no futebol, no futsal e por que tu saiu?

I.G. – Eu comecei na real a treinar elas lá em São Paulo em 1995 e fiquei até 1999 quando eu retornei à Porto Alegre. Por que eu desisti? Em 1997 quando a gente chegou no ápice assim de equipe, de modelo de treinamento, quando a gente criou uma equipe base que foi quando o Saad passou para o São Paulo⁴²... A gente tinha... Que eu achava assim... Aquilo era uma estrutura ideal para o futebol feminino, a gente tinha uma equipe que tinha tudo. A gente fazia um trabalho de ponta mesmo, à nível de Seleção. Tanto assim que a base era a base da Seleção Brasileira. Só que o que me desanimou muito foi que por mais que tu tivesse tudo aquilo e conquistasse tudo, chegava dezembro tu não sabia se em janeiro tu estaria empregado. Se no início de janeiro tu teria um emprego. Se tivesse uma eleição no clube e troca o presidente tu não sabe se no mês seguinte tem equipe de futebol feminino ainda na categoria. Eu vi vários clubes fechar, inclusive onde eu trabalhei. Então essa instabilidade ela começa a te preocupar. Eu desde que saí de casa nos meus quinze anos, eu vivo do meu trabalho, do meu sustento. Sou de uma família humilde, então eu nunca tive alguém que me mantivesse ou que me ajudasse financeiramente. Eu dependo do meu salário, se eu não tenho salário eu não tenho como sobreviver. E isso começou a me preocupar então naquele período de 1996, 1997 que eu comecei a ganhar um pouco mais foi quando eu adquiri o terreno, foi quando eu comecei a construir minha casa. Eu consegui fazer alguma coisa aqui no Rio Grande do Sul. Já preocupada porque eu tinha que ter uma base porque até então eu pagava aluguel mesmo morando lá eu tinha minha casa aqui porque eu tinha todas as minhas coisas

⁴¹ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

⁴² São Paulo Futebol Clube.

aqui. Eu morava com a minha irmã aqui e ela que cuidava de tudo. Em 1998 a gente começou a ter muito problema no São Paulo. Trocou a diretoria. E começou a inflacionar muito a folha do São Paulo no feminino, porque quando o Corinthians⁴³ começou a montar equipe, ele meio que “detonou” o futebol feminino naquela época. O clube Corinthians. Porque se tinha o salário teto de cinco mil reais para as atletas Sissi⁴⁴, Kátia Cilene⁴⁵... A Sissi que ganhava mais, a Kátia Cilene era uns quatro mil. E o São Paulo tinha patrocínio e consegui manter aquela equipe muito bem com o teto salarial, que era uma realidade inclusive de outras categorias como basquete e vôlei naquela época. E o Corinthians simplesmente pegou, entrou com uma equipe e começou a pagar dez mil reais para as atletas. Entrou com Roseli⁴⁶... Pagando dez mil reais. Óbvio que a que está no São Paulo ganhando cinco ela não quer ganhar cinco e aí foi que estourou o futebol feminino em 1998 foi por causa disso. Porque todo mundo queria chegar no teto dos dez e os clubes tentaram chegar só que estouraram no meio do caminho, não aguentaram, financeiramente ninguém aguentou. Foi o que mais ou menos que explodiu, a questão financeira da paulistana e do futebol feminino naquela época. E o Corinthians fez outra coisa, deu aquele salário alto para as atletas, mas não pagou as atletas. Noventa por cento das atletas não receberam os salários. Então foi fácil de propor uma coisa que eles não pagaram. E o São Paulo começou a ter problema, começou a desmontar o time. Cheguei a ter umas propostas assim... Às vezes nem gosto de falar, na época me chamaram um dia e me fizera umas propostas lá no Morumbi⁴⁷ e eu deixei bem claro assim, falei... Podem falar tudo de mim no futebol, menos que eu sou traíra! Não sou traíra! “Vocês querem que eu traia o seu Zé, que eu seja traíra? Eu não vou ser!” “Ah, ele vai ser demitido e vai sair!” “Eu saio junto”. Cabeça erguida, não sou traíra no futebol. Todo o tempo que eu trabalhei, toda confiança que tinha não era eu que ia trair a confiança dele. E quando, em 1998, a gente transferiu o patrocinador para e ia acabar o futebol feminino, eu recebi umas propostas, mas financeiramente não eram boas e eu tomei uma decisão que eu ia mudar de ramo porque eu não queria mais aquilo lá. Porque eu não gostava dessa instabilidade... Eu era Técnica em Química não tinha exercido e eu comecei a pensar: “Bom, eu não estou jogando... Eu não sou formada em Educação Física – eu comecei a pensar tudo

⁴³ Sport Club Corinthians Paulista.

⁴⁴ Sisleide do Amor Lima.

⁴⁵ Kátia Cilene Teixeira da Silva.

⁴⁶ Roseli de Belo.

⁴⁷ Estádio do Morumbi.

isso – o futebol feminino está dando uma queda. Eu tenho que tentar ver alguma coisa para eu sobreviver. Ou eu entro em outro ramo ou eu estudo ou eu faço alguma coisa”. E quando eu saí de São Paulo eu decidi voltar pra Porto Alegre. Eu tinha bem ou mal, a qualidade de vida aqui se vive muito melhor! Eu, na minha opinião, penso isso. Morar em São Paulo é bom, mas tu tem que ter um padrão de vida bom, financeiro. Então eu resolvi morar em Porto Alegre porque eu gosto daqui, toda a minha família é daqui, todo mundo é daqui. Eu tinha minha casa aqui. E eu resolvi voltar e eu comecei a fazer concurso público, comecei a estudar e decidi mudar de ramo. Foi quando eu “chutei o balde”, eu acho que meio que me decepcionei.... Foi a decepção mesmo de tudo que eu tinha visto acontecer lá em São Paulo e eu voltei mesmo pra cá. Eu estava aqui, fiz vários concursos, passei no da Carris⁴⁸ só eu acho. Claro, não estava estudando, não iria passar em concursos. E eu passei no da Carris e eu falei: “Não, vou fazer isso. Vou trabalhar depois eu vejo que eu faço, estudo, vou continuando”. Nesse meio tempo, óbvio que a gente não consegue ficar longe por mais que a gente “chute o balde” e desanime, o Grêmio⁴⁹ estava começando com o time feminino. Um time bem amador e vieram umas atletas de São Paulo porque a gente tinha esse contato todo e eu fui levar elas para jogar no Grêmio. E elas ficaram no Grêmio.

P.J. – E como começou esse teu envolvimento com o Grêmio? Já conhecia alguém de lá?

I.G. – Não, eu não conhecia ninguém. Na verdade, a primeira vez eu fui levar a Nalvinha⁵⁰ para fazer teste e jogar lá. A Nalvinha fazer teste no Grêmio, até piada. Ela chegou... Três Copas do Mundo e veio fazer teste [risos]. Ela veio e foi jogar no Grêmio. Era muito amador. Eu fui em uns dois treinos com ela, era algo assim... Inclusive a comissão técnica. Era tudo muito amador. Mas fui e comecei a dar meus palpites... Porque eu sou assim, não chego dizendo: “Ah, eu sou...” não sou! Eu chego assistindo, olhando e dando minhas opiniões porque como eu sou gremista eu só queria que o Grêmio tivesse uma equipe que... E foi, foi e mudou a comissão técnica, eles foram melhorando, e eu acompanhando e ali se tinha seis treinos, em quatro eu ia porque eu não estava trabalhando, então para mim era cômodo ir assistir. Às vezes ia em algum jogo. E um dia vieram me perguntar... Ficaram sabendo que eu tinha trabalhado em São Paulo com futebol, porque até então eles não sabiam disso. Eles

⁴⁸ Empresa pública de transporte coletivo.

⁴⁹ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

⁵⁰ Lunalva Torres de Almeida.

perguntaram minha opinião... Foram para o Campeonato Brasileiro... Eles iam para o Campeonato Brasileiro ai eu falei: “Olha, eu acho que vocês não passam da primeira fase”. E eles riram e ficaram brabos comigo. Viraram a cara para mim, a comissão e não sei o que. Eu falei: “Estou sendo sincera, vocês não passam da primeira fase”. Quando eles voltaram, no dia que me ligaram que iam voltar eu fui no aeroporto receber as atletas porque eu já fiz amizade, a Laranja⁵¹ que morava perto da minha casa, a Vera⁵²... E eu fui lá receber elas e nisso o coronel, que era o responsável pelos esportes olímpicos do Grêmio, desceu e falou: “Eu preciso falar contigo. Não sabia que tu era famosa.” Eu disse: “Não sou famosa”. Ele ficou hospedado no hotel junto com o Zé Duarte e o Zé Duarte queria saber porque eu não estava na comissão técnica do time dele e o Zé Duarte foi falar o trabalho que eu fazia em São Paulo. E o homem enlouqueceu comigo! “Ah, por que tu nunca me disse isso?” “Tu nunca me perguntou!” E ele pediu pra eu montar uma equipe feminina, um departamento feminino no Grêmio. Eu disse então tá, mas eu deixei bem claro para ele: “Eu fiz um concurso e estou esperando, caso eles me chamem eu vou!” E enquanto isso eu trabalho aqui. Assinaram minha carteira e eu comecei a trabalhar no Grêmio. Primeiro eu perguntei: “Qual verba que a gente tem?” “Dois mil reais”. A gente tinha uma placa no feminino, era toda a verba que o feminino tinha. E tu tem que trabalhar em cima da realidade e trabalhar assim eu estava acostumada porque lá em São Paulo a gente não tinha muita verba. Então eu comecei correr atrás de tudo... Bolas... “Ah, nós não temos bola!” Mas o masculino tem bola, e fui pedir bola para o profissional... E eu comecei a fazer tudo... Porque o clube tem estrutura, se o clube tem estrutura por que uma categoria não vai ter estrutura? A gente fazia isso lá no São Paulo, o time feminino pedia bola para o profissional. E vinham cem bolas! Eles usam a bola e nem quinze dias, um mês já estragam e tem isso do patrocínio. E quando começou a chegar bola no Grêmio me mandaram cem bolas e o pessoal começou a ficar apavorado e eu comecei a fazer essa integração. Eu peguei bem troca da Penalty⁵³ para a Kappa⁵⁴. Ah, tudo que eu precisava! Faz relação de material. “Bah”, era isso que eu fazia lá! Diziam: “É muita coisa!” “Não, é só cinco. Se eles não quiserem dar não dão!”. “Bah” quando chegou a gente não sabia onde colocar o material. Pessoal todo apavorado, se

⁵¹ Nome sujeito a confirmação.

⁵² Nome sujeito a confirmação.

⁵³ Marca de artigos esportivos.

⁵⁴ Marca de artigos esportivos.

debatendo no Olímpico⁵⁵. Bom, todo mundo me conhecia no Olímpico porque só duas categorias tinham parca na época, feminino e profissional. Tem noção... “Vocês pediram?”, “Não”. Troca o patrocinador tudo o que eu pedir eles dão, fornecedor de material esportivo. Bom, pedi tanta coisa que não tinha onde colocar! Sem mentira, a gente não tinha onde botar no departamento feminino que era embaixo da escadaria. A gente teve que socar, teve que não sei o quê, mas tudo nós retiramos... Tinha que levar de carro porque não dava para carregar tanta coisa que era. Daí a gente foi montando e queríamos treinar contra o masculino porque em São Paulo a gente usava muito isso. A gente pegava o time feminino e jogava contra os garotos de doze anos porque tu não tem contra quem fazer jogo pesado. Pegava e jogava contra as categorias de base, doze anos. Depois tu faz um jogo com os de quinze. Depois tu pega o júnior... Ah, com o júnior tu toma uns vinte, trinta zero. Corre, corre e não consegue nunca pegar eles, mas é um treino de marcação. Então até para seleção brasileira o Zé Duarte usava isso. A gente jogava direto contra o masculino, contra “molecada”. Depois tu joga contra os veteranos que é só bola cadenciada. É a única maneira de tu treinar forte o feminino se tu não tem adversário e é o que nós usávamos em São Paulo. Nossos treinos eram sempre contra o masculino e aqui no Grêmio ninguém queria jogar contra o feminino. Eles tinham medo acho que de perder... Não sei! Eu jogava com o pessoal do SESC⁵⁶. O Betinho⁵⁷ do SESC tinha escolinha e eu jogava com as categorias do SESC. Toda vez pegava o ônibus e ia lá para o SESC jogar. Tinha campo, que ajudava mais ainda, porque no Olímpico a gente não tinha campo e foi essa função. Eu fiquei no Grêmio e quando estava a equipe toda pronta, uma semana antes de começar o Gauchão⁵⁸ teve torneio em Bom Princípio⁵⁹, quando ia começar o torneio recebi a carta da Carris. Eu pensei: “Meu Deus, se eu falar que eu vou para Carris meu time vai...”. E nós tínhamos o torneio e tinha Grenal. O Inter... Até então fazia anos que o Grêmio não ganhava um Grenal. Mas eu disse: “Não, eu vou ganhar esse Grenal!” E eu trabalhei a semana inteira na Carris, eu consegui fazer a semana inteira o Grêmio não treinar. Eu inventei doença até de não sei o quê, fiz o preparador físico dar não sei quê, fiz coletivo à noite, mas durante o dia eu tinha que trabalhar na Carris, daí fiz tudo isso... Dei folga no dia que não era para dar, que loucura! Mas fiz tudo e fomos

⁵⁵ Estádio Olímpico Monumental – Porto Alegre/RS.

⁵⁶ Serviço Social do Comércio.

⁵⁷ Nome sujeito à confirmação.

⁵⁸ Campeonato Gaúcho

⁵⁹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

jogar. Jogamos e ganhamos do Inter, foi quatro a dois acho que a final. “Bah”, a felicidade toda da equipe. Na segunda eu sai da Carris e fui direto para o Olímpico pedir demissão. Eu ia fazer o quê? Eu não queria, eu não ia fazer essa de novo, eu já estava trabalhando, não ia fazer essa de novo, porque eu ganhava muito pouco no Grêmio também. A realidade é muito... E eu cheguei lá eles quase morreram! Quando eles me viram de uniforme, atletas que estavam lá já começaram a chorar. Já sentiram. Aí eu falei que eu não tinha como, que eu ia ter que sair. Por causa da questão financeira, não que eu não acreditasse, mas não tinha como. Se tivesse uma estrutura, se tivesse alguma coisa poderia... Mas aí mesmo assim quando eles me pediram para conseguir alguém lá dentro do Grêmio que pudesse me substituir, foi quando eu fiz a... Fiquei ainda seis meses praticamente daqui, naquelas funções de ir para lá e para cá. Foi quando o James⁶⁰, que hoje é auxiliar do Roger⁶¹. Esses dias quando eu vi o James eu brinquei, até mandei um negócio para ele no *Facebook*... O James assumiu o feminino. Ele *assumiu*. E foi campeão gaúcho. Então eu sei que nas fotos eu estou com as faixas lá, nas fotos, na final, eu acompanhei toda essa parte do primeiro Gauchão. E depois eu fui me afastando mesmo, e aí meio que assim, como eu vou dizer? Eu tinha desistido mesmo dessa função de futebol. Literalmente desistido, até porque a vida de rodoviária ela é muito puxada, é cansativa. Então como eu estava trabalhando, eu fui meio que vivendo aquilo ali e acabei largando. Como eu não estava conseguindo nem jogar por causa do meu joelho, não estava... Eu só ia de vez em quando assistir e só acompanhava de longe. Em 2005, um dia trabalhando, eu recebi o telefonema do Romeu Castro. No intervalo do meu serviço, no domingo de manhã. Ele me ligou e eu achei estranho: “Romeu me ligando a essa hora?” Mas atendi. Ele me disse: “Olha, estou te convidando para... Ligando para tu saber que tem uma proposta para ti ir para o Irã”. Eu disse: “Ah, Romeu tu sabe...” porque enquanto isso vários clubes me procuraram e o Romeu mesmo me fez algumas propostas financeiras, só que era muito pouco financeiramente. Eu disse não. Eu falei para ele que o dia que ele tiver no mínimo valor “x” para me propor ele pode me procurar senão enquanto isso vamos manter nossa amizade. Falei: “Tudo que a gente trabalhou até hoje, mas enquanto tu não tiver isso eu tenho que viver a minha realidade mesmo e pensar em sei lá”. Eu poderia ter continuado a estudar, mas a gente vai se acomodando, se iludindo um pouco com as coisas. Foi quando o Romeu falou: “Eu não estou perguntando, tu *vai ir*”,

⁶⁰ James Freitas.

⁶¹ Roger Machado.

“Como eu vou ir?”, “Não, tu dá um jeito no teu emprego de sair e tu vai ir.” Aí eu falei: “Mas eles pagam?” porque eu pensei que era clube. Ele disse: “Não, tu vai treinar a Seleção Iraniana!”. Eu questionei ele: “Não Romeu, vocês têm várias treinadoras de São Paulo. Tem a Cris⁶², tem as renomadas no São Paulo... Por que eu?”, “Não, um dia eu vou te dizer porque, mas é tu que vai!”. Eu não levei muita fé. Quando chegou... Veio por fax o contrato. Para ver a tecnologia! Ele me mandou por fax o contrato lá para a empresa. Quando eu olhei o contrato e comecei a ler eu vi que era sério mesmo. Já estava até o contrato, tudo pronto! Ele já tinha negociado tudo isso e ele já tinha visto o máximo que ele podia cobrar. Já tinha visto toda essa parte. Ele tinha estado no Irã uns meses antes e ele já mandou fax, eu só assinei e mandei o fax de novo. Ele perguntou do meu passaporte e eu disse que estava tudo certo. Uns dias ele me ligou para ver se estava tudo pronto e eu nem tinha falado no meu serviço nada. Aí pensei que “não, vou ter que ir!”. Peguei a licença... No mesmo dia já me deram a licença. Então, fui para o Irã! De “mala e cuia!”. Eu pensei: “Meu Deus, o que me espera lá? Estou há cinco anos sem trabalhar...” porque a gente não esquece. Eu estava há cinco anos sem treinar e isso me apavorava um pouco. Cheguei em São Paulo e fui as compras. Comprei prancheta com imã para eu levar porque eu não tinha mais material. Fui para São Paulo, comprar material e aqui eu tinha que deixar tudo as minhas coisas por quatro meses. Tu não tem como mandar dinheiro, como é que vai pagar as contas? Tem casa, tinha prestações e isso foi tudo em questão de dez dias e eu tinha que resolver tudo isso. Mas quando a gente tem família a gente tem tudo! A família que se vire! Então passei tudo para eles resolver e fui! Todo mundo me incentivou. Eu cheguei a perguntar para as pessoas o que achavam e meu cunhado disse: “Tu tem que ir! *Vai* de uma vez!”. Eu fui e não me arrependo. Foi muito boa a experiência. A gente fica com a pontinha de medo porque é uma responsabilidade. E mesmo quando eu cheguei ao Irã eu pensei: “Meu Deus do céu!”. Eu comecei a ver muitas coisas, comecei a tentar acompanhar, fui para a Internet, porque daí já tinha mais opção de internet e ver... E perguntei: “Em que nível está lá?”. Ninguém sabia então eu perguntei para o Romeu e ele disse que se elas não souberem era para eu ensinar, se elas souberem tu administra. Ele também não sabia como era lá. Quando eu desembarquei no Teerã⁶³ de touca [risos]. Toda coberta e foi muito boa a experiência lá. Foi um trabalho que quando eu comecei a ver que eu teria que abraçar tudo, abraçar treinamento de goleira, preparação

⁶² Maria Cristina de Oliveira.

⁶³ Capital do Irã.

física. Então eu falei: “Ou eu vim pra cá para ganhar ou eu vim para cá fazer feio, então eu vim para ganhar!”.

P.J. – Era para um torneio específico?

I.G. – Era para a Olimpíada Islâmica. Eles têm de quatro em quatro anos as Olimpíadas Islâmicas, então se reúnem todos os países que tem representantes islâmicos e fazem a competição de todas as modalidades, assim como é as Olimpíadas. Eles têm as Olimpíadas Islâmicas.

L.M. – Ivete, como as atletas lá te receberam?

I.G. – As atletas me receberam muito bem. Eu cheguei e a primeira dificuldade foi o idioma. Então a questão do idioma. Mas acho que eu tenho um sorriso simpático porque a mímica funciona que é uma maravilha! O mais difícil para mim assim foi... A primeira intérprete era uma senhora de idade! Eu fiquei imaginando quando me apresentaram ela como que ela iria correr comigo dentro da quadra, foi a primeira coisa que eu pensei. Ela devia ter uns setenta e poucos anos. Eu falei: “Bah, isso não vai dar certo!” E não deu mesmo. No segundo dia ela desistiu. Eu fiquei sem intérprete só que nisso eles tinham uma base de seleção só que eles convocaram uma peneira das principais atletas de todos os estados do país. E eu fazia a tal da peneira. Só que nesse dia eu estava sem intérprete, mas eu fui para o estádio, eu entendi tudo o que eles estavam dizendo, porque tinha um intérprete de espanhol da equipe masculina então a gente conversou tudo antes lá no hotel. Eles falaram para ele e ele me falou em espanhol o que elas estavam querendo, que a gente ia fazer uma peneira, que eles tinham oito atletas já, mas que queriam ver, queriam que eu escolhesse entre as atletas que mais se destacassem, que eram atletas que eu achava que poderiam compor a seleção. Então eu fui para o ginásio, lembro até hoje! Sentada assim, só ria! Vocês só imaginam! Ginásio *lotado!* E todo mundo normal, só entrava mulheres. Eles têm ginásios, eles têm as ventilações internas e o calor imenso, foi bem na época de calor que eu estava lá, e todo mundo ficava lá, de camiseta, de calçãozinho porque os homens nem chegam perto da porta. Tem o pessoal da rua que não deixa nem chegar. E as laterais tudo, tem tipo uns tapumes que não tem acesso a ventilação. Eu fiquei imaginando como é que eu vou escolher essas

mulheres agora. Aquilo foi para mim o maior desafio porque as camisas, a numeração é em persa. E eu: “Meu Deus do céu, e agora?” Eu olhava assim, se elas ainda tivessem números, porque elas tinham cores de camisa, acho que seria mais fácil! Aí eu olhava o de três guampinhas, o três deles, e colocava três guampinhas. Fui nomeando tudo [risos]. Quando uma atleta se destacava eu ia controlando e ia... Eu só dizia para a fulana separar ela ali que depois eu ia juntar. E foi assim fui indo, indo. Mas acho que o mais legal de tudo é que tu vê que as pessoas esperam muito de ti e eu pensei como eu ia falar com essas pessoas. A mímica funcionava e eu conseguia fazer tudo aquilo só nos gestos e no... Sem falar! E isso me impressionava também um pouco. E eu consegui... A única coisa que... Das atletas que eu escolhi uma, dois dias depois quando era para se apresentar, não se apresentou e como eu ia dizer isso para elas? Porque foi uma das atletas que eu achei que se destacou muito na equipe, no treino e ela não estava. Aquilo me incomodou um monte porque eu queria saber quem era aquela atleta. E eu tenho uma visão fotográfica muito, se eu vejo uma pessoa hoje, pode passar meses, mesmo que eu não conheça, eu me lembro. Começaram os treinamentos, as atletas me receberam bem, me testaram também porque quando eu cheguei lá me falaram que eu tinha que impor medo nas atletas. Aí eu já percebi que a comissão técnica, a que era a treinadora ficou de me auxiliar, óbvio que ela não gostava de mim ali. Óbvio que ela ia tentar minar meu trabalho. Isso aí ficou claro. Eu já tinha uma cancha de clubes, de coisas em São Paulo que eu percebia lá. Eu percebi já que ali eu não tinha uma aliada, então quando eu consegui a intérprete que foi a Nasimi⁶⁴ foi para lá, que foi minha intérprete, eu já reunindo as jogadoras e falei: “Nasimi diga para elas assim: Tudo o que eu tiver que falar eu falo assim, olho no olho. Eu não mando recado. Ah, fulana mandou dizer... Não, eu não mando recado, eu digo!” E ela chegou e já falou. Porque se fossem fazer fofoca já não pegava porque aí as atletas já iam me conhecendo. Então estávamos treinando acho que uma semana, físico e não sei o que, um dia eu olhei e estavam duas atletas correndo separado. Fazíamos aquela parte inicial de aquecimento e eu falei: “Por que a Suani⁶⁵ está correndo separado?”, “Ah, porque elas chegaram atrasadas e quem chega atrasada não pode treinar.” “Mas quem é que decidiu isso? Quem tem que decidi isso é *coach*, que sou eu. Ninguém foi consultada para isso!” “Ah, mas fulana...” Eu falei assim: “Não vou...” porque tu tem que... Tudo bem, ela era... Ela teria que ter me consultado ou pelo menos falado comigo para fazer isso. “Ah,

⁶⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁶⁵ Nome sujeito a confirmação.

tá, ela decidiu que quem chega atrasada não treina?”. Elas treinaram separado, deixei elas treinando separado. Mas eu falei: “Ela vai se atrasar”, porque o trânsito lá é um caos em Teraã. “Ela vai se atrasar!”. Oito horas da manhã era o treino. Oito horas da manhã as atletas... O alojamento era do lado do ginásio então atleta não podia chegar atrasada. Mas acho que uns três dias depois chegou a preparadora física atrasada. Cheguei olhei, oito e meia, esperei três minutos, quatro minutos, peguei o apito, fui para quadra, chamei as jogadoras e comecei a alongar e aquecer. Pensei: “Hoje ela me paga!”. Comecei tudo e acho que uns dez minutos fazendo o aquecimento com bola ela chegou correndo quadra a dentro. Eu via que as jogadoras todas me olharam, as pessoas testam. Daí ela chegou e a minha intérprete disse que ela queria assumir e eu disse que não, que era para ela ficar sentada lá porque ela chegou atrasada e quem chega atrasada não treina. Com aquilo ali eu acho que conquistei todas as atletas, com aquela minha atitude porque elas não faziam isso. As atletas todas só olharam e eu via que elas riam. Eu dei todo o treino e ela ficou sentadinha lá no banco. O pavor da Federação era que eu estava lá a menos de um mês e eu tinha todas as atletas na palma da minha mão. Lá eles são diferentes, o dia que chegou os tênis da Nike, o pessoal pegou o número, pegaram minha numeração inclusive. Chegaram os tênis da Nike, material não faltava. Chegava no ginásio, eles têm umas caixas com rodinhas cheias de bola de futsal! Eu já chegava antes, pegava o calibrador e via se estava tudo calibrado, se estava tudo bonitinho. Bola não faltava, material, colete, essas coisas, tudo sempre tinha. Então chegou o material e eu só via as jogadoras experimentarem os tênis e saírem de cabeça baixa. Eu olhei uma e duas e falei: “Parou, parou! O que é isso? Não gostaram? Tem algum problema com os tênis? O que é?” Eu vi que elas não queriam falar, então eu disse: “Não, eu quero saber! O que é?” Elas falaram que era porque tinha ficado apertado. “Se ficou apertado, troca!” eu disse. “Ah, não pode...”, “ Como não pode? Não, não. Espera aí!”. Elas falaram que não sobrava e eu disse que não tinha que sobrar, afinal comissão técnica não precisa de tênis! Quem tem que jogar era atleta! E fiz e trocava o tênis de todo mundo... Queria que tu visse a risada que era lá! Um ficava e trocava e “ah, não, esse deu” elas diziam e a comissão técnica se debatendo porque claro trocou toda a numeração e deu certo, para nós não ia sobrar o número certo. Inclusive para mim não sobrou e tivemos que comprar outro tênis depois. Lá era assim: primeiro a comissão técnica que pegava o que precisava e depois o que sobrava ia para as atletas. E eu: “Não, não é assim que funciona. Comigo não é assim.” Pronto. Virava. E eles enlouqueciam! Então eu tive que ter todo o cuidado com a

comissão técnica. A minha auxiliar técnica, a preparadora física, a *manager* que era da polícia revolucionária que estava lá só para cuidar a questão de uniforme, se estavam de burca, se estavam não sei o que e vivia me aprontando. Sumiam com o material e eu chegava e dizia: “Cadê...” perguntava se as atletas comiam frutas e elas diziam que não, mas isso é o de menos. Descobri que estavam desviando frutas. Até isso! E tudo isso eu tinha que estar controlando. Chegou um dia que estava todo mundo gripado e eu tinha tomado a injeção da gripe aqui. Todas as atletas gripadas e nós teríamos um jogo amistoso. Falei: “Como nós vamos fazer? Eu estou sem time!”. Mandeí todo mundo para o alojamento tomar banho quente fui lá e fiz chá de alho [risos]. Elas queriam morrer comigo porque eu fiz chá de alho para todo mundo. Todas tomaram chá de alho! Eu falei: “Gente, eu preciso das atletas! Se ninguém se preocupa eu tenho que me preocupar.” Fui para o alojamento... Então era muito legal! Elas eram muito festeiras. Toda vez que eu ia no alojamento era uma festa porque eu não morava lá, eu morava no hotel. Elas passam o tempo todo dançando, elas adoram música, elas são muito festeiras. Então tinha aquela alegria de, terminava... Elas falavam português. Eu parava para dar treino e dizia [trecho em persa] e elas: “Cinco minutos para tomar água”, em português mesmo. Eu falava em persa e elas em português porque aí elas já foram aprendendo [risos]. Caneleira foi uma briga para colocarem porque elas não queriam. E eu disse que não podia treinar sem caneleira e elas me imitavam. Pareciam uns papagaios falando, mas era... Então eu fui criando essa... Tanto assim que durante a competição até eu me apavorei! A garra, elas têm muita garra pra jogar, elas defendem o país. Bom, se eles defendem o país com o corpo em uma guerra vocês imaginam em um esporte! Para eles defender o país é uma honra muito grande! Eles dão o sangue se precisar, isso tu percebe. Se tu falar assim... Isso é diferente do Brasil, atleta brasileira tu fala: “Faz o movimento assim que é o correto!” Tu tem que falar vinte vezes e ela não faz. Lá no Irã tu dizia: “Faz essa jogada assim, que é assim!” pode ter certeza que ela vai fazer a jogada assim. É mais fácil de treinar porque elas ouvem o que tu tem dizer e tentam fazer o que tu tem para passar. Já no Brasil não é assim, brasileiro é muito teimoso! Tu diz assim: “Tu tem que...” não faz! Chega, faz uma jogada ensaiada e na hora mudam, lá não. Elas seguem exatamente. Eles têm muito essa questão de seguir regras. Eles estão acostumados a seguir regras e fica muito mais fácil de treinar.

P.J. E como é que foi a questão da competição lá? Conta um pouquinho para a gente como aconteceu.

I.G. – Na competição. Bom, eu tinha que preparar a equipe muito bem porque eu não conhecia as adversárias. Eu não fazia nem ideia quem eram as adversárias. Eu sabia que alguns países talvez não fossem e a Equipe Islâmica dos Estados Unidos acabou não indo. E então foi a equipe da Inglaterra, foi a da Armênia. Só que eu não sabia e nem fazia ideia de como essas mulheres jogavam. Então eu treinei o máximo que eu pude! Treinei em ritmo de futsal masculino o tempo todo, cinco horas por dia. Elas não gostavam de correr então elas corriam com bola e nem se davam conta que corriam muito mais do que se fosse fazer um treinamento. Então eu fiz muito treinamento com bola. Elas tinham quem ter o domínio da bola, o contato com a bola então eu as fazia correr com bola, elas passavam o tempo todo com bola e não sentiam que elas corriam muito. Então fisicamente, quando chegou na competição elas estavam muito bem. E eu tive, na real, só dois problemas de lesão muscular. Porque eu fui cuidando, comecei a fazer gradativamente e fui melhorando. No final que comecei a trabalhar a parte de velocidade. Assustou-me muito a questão de não conhecer o adversário, mesmo o país divulgando muito o futebol feminino e as atletas são conhecidas, passam no jornal, revista. E eu vivia também na revista, eles divulgam. Só que para fora do país eles não tinham divulgado e no dia que teve o sorteio eu levei um susto quando olhei, porque tu olha a fisionomia das pessoas, eu sou muito de ver expressão das pessoas. E no sorteio, era uma mesa imensa que estava representada a FIFA⁶⁶ porque é uma competição inclusive via FIFA... Tinham representantes da FIFA, da Federação local e tinha os treinadores e representantes dos países. E eu já estava lá, fui a primeira a chegar. Como era a anfitriã, entrei, cheguei e sentei e estava com a minha auxiliar do meu lado e a intérprete. Todo mundo que chegava olhava e de longe sabia que eu não era iraniana. A fisionomia, a sobrancelha, cabelo então! Entravam e ficavam olhando. E os intérpretes, acredito eu, que deveriam ser locais, só me olhavam e queriam saber quem eu era. Ficavam se olhando. E a minha intérprete dizia o tempo todo dizia: “Tu vai te apresentar!”. Eu disse: “Eu não! Porque eu tenho intérprete?” E ficava nessas brincadeiras. No final, eu me apresentei falando a língua deles até o pessoal ficou surpreso. E a treinadora da Inglaterra quando entrou, queria que vocês vissem a marra! Sabe aquelas jogadoras, atletas marrentas? Chegou em uma pose,

⁶⁶ Federação Internacional de Futebol.

toda de Nike e auxiliar. Eu pensei: “Se o time dela jogar o que essa mulher tem de pose nós estamos ferradas!”. Porque quando tu vai para uma competição e conhece os adversários é uma coisa, se tu vai em uma competição representando um país do jeito que eles estão investindo. Eu não podia fazer feio! Acho que tu tem que assim... Eu pensei: “Me Deus do céu!”, fiquei preocupada e torci que... “Ah, eu podia ficar fora na primeira rodada, no sorteio” porque eu já estava com pensamento positivo eu queria ver esses times jogarem porque eu tenho como agir antes que daí tu tem uma ideia de como essas equipes jogam, queria ver jogar! Foi, foi... Quando começou o sorteio eu falei assim: “Nosso jogo vai ser o último ou...”. Eu sei que nós ficamos em último e: “Ah, eu poderia assistir os outros jogos!” e já me deu um alívio. Até porque eu não tinha ninguém da comissão que pudesse assistir os jogos e me passar tecnicamente. Porque aqui a gente faz isso. Bota olheiro lá e eu não tinha, teria que fazer pessoalmente e tem horas que tu está com a equipe. Se tu tem algum jogo não tem como fazer. Quando eu assisti ao primeiro jogo, Iraque e Uzbequistão, eu já disse que aqueles ali estavam “fichinha”. Mas a Armênia quando eu vi jogando fiquei com medo. O time era muito habilidoso, *muito!* Comecei a observar elas, as jogadas... Mas observei também que elas tinham cinco atletas boas. Cinco. As outras entravam e caía o nível. Pensei: “É aí que eu atropelo elas!” porque eu preparei toda a minha equipe, então, por mais que uma tivesse uma dificuldade, eu preparei todas iguais e eu não tinha equipe titular. Eu falava isso para elas: “Eu não tenho equipe titular! Vocês todas são atletas. Se entrou tem que dar cem por cento!”. Imagina eu falando isso para elas que já dão cem por cento! “Se tu entrar corre o que tu puder porque daqui um pouco tu vai sair!”. Eu tinha treze atletas porque eu era da casa e poderia ter mais atletas do que os outros praticamente. Foi o que eu fiz. Bom, foi até uma piada. Ainda mais que o cronômetro deu problema, o eletrônico lá, e eles fizeram tudo no manual. A partida acaba ficando maior por mais que tu jogue vinte, vinte no cronômetro aqui ele vai para... “Bah”, o primeiro jogo quando a gente entrou em quadra começou a atropelar o povo se assustou! Todo mundo se assustou porque, claro, o time corria. Tu imagina! Corria o tempo todo! Eu, em três minutos, já começava a trocar. Trocava constantemente a minha equipe, então elas estavam cem por cento o tempo todo fisicamente. Elas atropelaram assim. Os gols se tu for olhar. Quarenta e seis a zero! E teve um...

[INTERRUPÇÃO DA ENTREVISTA]⁶⁷

⁶⁷ Telefone da entrevistada toca.

I.G. – A questão toda foi isso. Quando nós estávamos jogando contra a Inglaterra, as jogadoras diziam: “Coitadas!”. Eu dizia: “Não tem coitadas! Se elas pudessem fazer esse monte de gols na gente, elas fariam! Façam, vão para cima, eu não quero ‘coitadas’! Não esqueçam que vocês estão representando o time de vocês!” Era tudo o que elas precisavam ouvir! E o meu jogo contra o Iraque foi o que eu mais tive medo, não pelo futebol. Eu tive medo da rixa. Eles têm uma rivalidade de problemas mesmo! Nós brincamos que temos uma rivalidade com a Argentina, mas é uma rivalidade sadia! E eles têm isso como o Iraque muito forte por causa das guerras. Eu comecei a perceber isso até na equipe jogar e elas estar assistindo. No passar pelas atletas, eu percebi: “Bom, isso não vai dar certo. Vai dar problema!” Então eu comecei a trabalhar a parte psicológica delas, falava com elas, conversava sobre isso e tentava mostrar que ali não era o local. Se elas tinham um problema ali não era o local e que nós tínhamos que transformar tudo isso em gol. No início, o jogo foi muito parecido contra o Iraque. Mas quando chegava no seis, sete, oito minutos do primeiro tempo as outras equipes começaram a mostrar cansaço e nós começávamos a atropelar porque fisicamente. Começou a ir ao natural e nós “metralhávamos”. O jogo da Armênia foi muito parecido. A final a gente estava no zero a zero e nossa equipe defendendo, e atacava e contra atacava. Porque elas tinham uma atleta muito habilidosa, muito boa no futsal, fazia muito tempo que eu não via uma atleta igual a ela! E eu comecei a falar com a minha pivô assim: “Ela está mancando!” Ela começou a mancar porque, no jogo anterior, ela tinha levado uma “bordoada” na perna e ela começou a mancar durante o jogo e eu falei para minha pivô: “Ela está sentindo. Vai para cima que ela vai perder a bola e tu vai fazer o gol!”. “Bah”, foi “batata”. Na hora que eu pedi tempo e falei isso; foi “dito e feito” a gente abriu um a zero o jogo e a minha equipe começou e foi. Quando vi foi dois a zero e elas não seguraram mais! A gente ganhou três a zero, mas foi um jogo muito parecido que qualquer erro. E as minhas goleiras estavam muito bem! Fizeram cada defesa de ficar impressionada! Tanto assim que a árbitra que estava lá perguntou o que eu tinha feito com aquelas gurias, como que elas estavam jogando daquele jeito! Nem eu acreditava! Pela dedicação delas, por todo o tempo que a gente tinha para treinar. A gente não tinha tempo para treinar, a gente só fazia aquilo lá. Eu sou da opinião que se tem que treinar cinco horas por dia eu vou treinar as cinco horas, então eu vou treinar dentro da melhor qualidade possível. As próprias goleiras começaram no início perceber que quando eu comecei a treinar elas, elas melhoraram. Porque até então a treinadora de goleiro não sabia chutar uma bola! Bom, eu vivia fazendo

massagem. Minha perna vivia dando câimbra porque uma coisa é tu treinar as goleiras, quantos chutes? Porque eram três goleiras que eu tinha que treinar. Quantos chutes a gol? Minha panturrilha vivia estourando, mas valeu a pena porque... E o mais importante foi... Essa semana, agora a equipe... O Irã foi campeão asiático porque na época eles me chamaram para saber quanto tempo eles iam levar para ir para o mundial e ganhar o asiático. E eu tinha estipulado uns dez anos e eles tinham achado muito. Falei que dez anos no mínimo, se eles tiverem uma boa estrutura. E eles ganharam o asiático esse ano com todo o pessoal falando aquilo, que tem homem, que tem isso, que tem aquilo. Mas elas estão. E mais feliz eu fico porque atletas daquela época ainda estão jogando hoje. Atletas que até hoje estão dentro das equipes e eu andei vendo reportagens, comecei a buscar na internet, as goleiras continuam na ativa, estão jogando campeonatos nacionais e tudo. Então isso me deixa feliz, eu acho que pelo menos uma sementinha eu consegui mostrar e provar para eles que eles podiam competir podiam sair mundo afora.

P.J. – E como é que impactou essa tua experiência depois na tua vida e na vida delas? Como é que continuou lá?

I.G. – É que na vida delas é muito difícil. Meu contato com elas pelo idioma, eu tenho muito contato com a intérprete. Só que ela não está morando ainda no Irã. Ela está morando na Venezuela porque ela veio trabalhar na Embaixada Iraniana na Venezuela e acabou se casando por lá. Então eu tenho muito contato. Ela vai para Teerã... Eu tento falar lá com eles, os irmãos dela, mas é meia dúzia de palavras de saudade... Em persa. Só pelo *Facebook* mesmo. E o contato com as atletas fica muito difícil. A escrita delas é impossível, não consegui aprender. Eles não conseguem entender o idioma, então, essa dificuldade do idioma é muito grande. Mas para mim, foi, como eu vou dizer? Foi uma sacudida. Depois disso eu vim para cá comecei a avaliar algumas coisas e percebi que eu tinha que tentar estudar, fazer alguma coisa a mais. Parei mais um tempo, comecei a tentar a interagir com o mundo de novo. E como eu não consegui estudar nada no ramo, mas fui fazer uma faculdade porque até então eu não tinha feito. Fui fazer no ramo que eu estava trabalhando na época, eu disse: “Não, primeiro eu vou fazer no que eu estou trabalhando hoje. Vou tentar me especializar nisso. E depois pensar em fazer alguma coisa para o lado do futebol.” Então eu penso assim em ainda continuar mas hoje acho que falta tão pouco para eu me aposentar e tenho que

pensar nessa parte financeira. Infelizmente, no Brasil ainda nós temos o problema do futebol feminino, a parte financeira. Penso em terminar e quando eu me aposentar ou próximo disso, seguir. Tem muita coisa pela frente ainda. Acho que eu tenho muita experiência, um currículo muito bom no futebol para deixar tudo isso para trás. Então... Nem que não seja como treinadora, mas trabalhando. Supervisora ou qualquer outra coisa. Fiquei muito feliz, o Romeu assumiu um cargo no...

P.J. – No Ministério⁶⁸.

I.G. – No ministério. Não sei, eu vejo no futuro a gente trabalhando juntos [risos]. Acho que ainda vai surgir alguma coisa para eu voltar. Teve uma época que a gente teve trabalho muito importante junto com o Romeu Castro, acho que eu aprendi muito com ele, a gente tem essa ligação até hoje de ter sempre... Não sei, vamos ver!

P.J. – Tu comentou a questão da mídia lá quando tu foi trabalhar no Irã. E como era aqui no Brasil desde que tu jogava até quando virou treinadora?

I.G. – Assim, sempre... Ele é muito... Como é que eu vou dizer? Não tem um foco muito grande. Semana passada eu estava lendo umas reportagens que eu vi lá em casa sobre futebol feminino das coisas que eu tenho guardadas, mas sempre aquele destaque. Ah, vai ter um jogo feminino não sei o que. Fulana é treinadora. Mas não tem um destaque mais amplo. Por exemplo, eu falo: “Ah, por todas as dificuldades...” Eu sei, eu via muito nas principais mídias do país. Numa Revista Placar toda semana ter futebol feminino, nas transmissões se falar direto. Com todo o preconceito que eles têm nessa questão de ainda... Porque falam: “Ah, eles têm preconceito!” Eles não têm preconceito, eles têm regras religiosas que acabam limitando. E aos poucos as mulheres estão conseguindo quebrar, mas é que é muito forte isso... E mesmo assim elas estão conseguindo muito, mesmo com todas essas regras, eu vejo elas conseguir muitas coisas até. Então quer dizer... Eu vejo isso no Brasil, não só no feminino, mas no masculino também, a dificuldade que tem... Tem muito problema de... No feminino no Brasil o que eu mais vejo é o interesse pelo futebol feminino, mas é o interesse financeiro de lucrar alguma coisa e tu pensa só no lucrar. Porque uma coisa é tu lucrar e

⁶⁸ Ministério do Esporte.

conseguir fazer algo pela categoria e existem poucas pessoas aqui no país que pensaram assim. Então eu espero que agora, com todo esse incentivo que está tendo, a Michael Jackson⁶⁹ estando lá no Governo também, o Romeu está lá agora, Rogério Hamam está lá também e tem todo esse interesse pelo futebol feminino a gente consiga politicamente fortalecer tudo isso e assim conseguir. Mas o que mais dói é ver uma categoria toda formada, toda pronta em um clube e quando precisa diminuir o gasto financeiro a primeira coisa é o feminino porque o feminino não traz retorno lá na frente. Eles preferem investir no masculino, em uma categoria de base, em um jogador que eles vão vender por milhões depois. Talvez com a profissionalização do futebol feminino... Sim, só que eu acho que demora um pouco. Infelizmente a gente tem que lutar muito ainda. Tem que ter muito amor a camisa ainda!

P.J. – E em relação a estruturação da modalidade no país tu acompanhou muitas idas e vindas, clubes abrindo e fechando e abrindo outra vez... Como é que tu enxerga isso? E quando tu iniciou tua carreira era uma época em que o futebol estava nascendo na legalidade e agora tem toda essa questão de investimento de novo. Como é que tu avalia essas idas e vindas do futebol? Por que ele não consegue ter uma estrutura fixa?

I.G. – É porque não é fácil manter. Hoje tu ter uma equipe... Uma competição, o custo hoje de uma competição oficial, por exemplo, um Campeonato Gaúcho ou qualquer outro, é custo alto. Nem sempre tu tens patrocínio para isso. Então os clubes dependem muito disso e como não tem uma mídia muito grande de jogos televisionados, se torna muitas vezes difícil o clube se manter financeiramente. E isso atrapalha porque tu imagina se o Inter e o Grêmio, vamos pegar nossos exemplos maiores... O Juventude⁷⁰ por muito tempo teve futebol feminino e tinha uma equipe boa, inclusive. Se esses clubes tivessem desde lá, estou falando desde lá de 1985 que eu jogava no Inter, continuado com a categoria, olha a estrutura e a experiência que teriam hoje dentro do clube para formar atletas, criar e competir. Um clube hoje que faz um bom investimento... Um exemplo é o São José⁷¹ que bem ou mal... Se tu pegar hoje um clube que tiver estrutura e um patrocínio tu ganha um campeonato nacional, não digo naquele ano, mas no ano seguinte tu é campeão brasileiro. Isso não é difícil hoje

⁶⁹ Mariléia dos Santos.

⁷⁰ Esporte Clube Juventude.

⁷¹ São José Esporte Clube.

porque daí tu tens como competir. Hoje, por exemplo, tu imagina ter uma equipe e ter que disputar um campeonato brasileiro. Tu não vai ter nenhum adversário? Vamos dizer que nós aqui vamos montar uma equipe de futebol feminino para representar o Rio Grande do Sul. Aí tu vai ter que viajar vinte vezes para jogar porque tudo é longe, tudo é difícil... O Brasil tem toda essa... Não tem essa questão como a Europa que é tudo meio próximo. Não. Nós temos toda essa dificuldade de locomoção... As passagens aéreas ainda tem um custo muito alto... E tudo isso acaba interferindo também. Dificulta porque inflaciona muito financeiramente e acho que isso atrapalha bastante. Por isso que o eixo Rio – São Paulo consegue se manter melhor porque tem essa proximidade até de despesas de locomoção para competição. Acho que isso influencia muito nos clubes para tu competir. Como é que tu vai lá para o Nordeste jogar lá contra o Ceará⁷²? Olha o custo que tu vai ter! E aí todos os teus jogos vão ser fora diferente do eixo Rio – São Paulo que é tudo muito próximo. Então eu acho que essa parte de localização nossa no Sul ela prejudica nesse sentido também, é uma questão que inflaciona mais uma equipe.

P.J. – Tu quer perguntar alguma coisa?

S.R. – Eu cáí um pouco de paraquedas, mas... Já devem ter falado de Inter e de Grêmio na tua trajetória no Inter e no Grêmio, mas eu vou puxar um pouquinho para minha pesquisa que é sobre a Duda. Então quando se falava, naquela época, em Inter se ligava muito a imagem da Duda. Então, eu queria saber do outro lado porque tu sempre foi o outro lado [risos]. Sempre estive do outro lado e... Eu já ouvi muitos relatos de colegas dela, da irmã, do pai da mãe... Mas como era ser adversária da Duda? O quanto isso influenciava? O quanto isso repercutia?

I.G. – Repercutia muito assim porque a Duda sempre teve a questão de ter a mídia do lado dela. Então a Duda sempre foi uma atleta muito conhecida. Não que ela não jogasse, assim como muitas outras jogaram bem também. Só que a Duda, até pelo fato de ela ter um poder aquisitivo financeiro às vezes muito melhor do que as outras atletas e ela tinha toda a questão de conseguir patrocínio mais fácil – porque tinha uma época que tinha equipe que cada atleta tinha seu patrocinador para conseguir se manter – e ela tinha essa facilidade da questão da

⁷² Ceará Sporting Club.

mídia, então ela foi uma atleta que apareceu muito mais. Ah, tinha uma reportagem, era com a Duda que já era conhecida e mais alguém que se destaca. Então a Duda sempre usou muito isso, ela sempre soube usar essa parte de marketing em favor até de conseguir manter as próprias equipes dela. Patrocínio e essa coisa toda assim. Questão de adversário sempre vi como normal até porque... Eu brinco com ela as vezes, que ela minha freguesa [risos]. Minha equipe competia principalmente no futsal quando nós disputávamos dificilmente perdíamos! Então a gente tinha essa disputa. A gente perdia uma, mas ganhava duas então a gente sempre tinha essa questão de... Não a questão do futebol, mas a questão da mídia assim... Muitas pessoas não gostam da Duda, vou te ser bem sincera, não gostam da Duda. Tu vai ver no ramo, no mundo do futebol assim geral, tem muitas pessoas que não gostam da Duda, mas até por causa dessa coisa da mídia. Eu conheci a Duda quando ela chegou no Inter com aqueles treze, catorze anos dela. E ela já era daquele jeito ali e aí tu imagina. Eu sempre soube administrar isso muito bem. Vim de uma família de poder aquisitivo baixo e sempre tentei administrar isso. Para mim isso não interfere em nada, entendeu? Na hora que eu estou ali dentro do campo eu sou uma atleta igual as outras! E as pessoas não sabiam diferenciar isso... Que ela é “patricinha” porque é isso e aquilo... Então, as atletas levam isso muito para esse lado então muita gente não gosta da Duda por essa questão. E ela também batalhou, ela foi atrás dessa questão, ela utilizou essa parte da mídia, ela mesma foi adiante. Muitas pessoas não tiveram coragem de ir. Muitas pessoas me chamaram ela de louca quando eu fui jogar em São Paulo eu fui e ponto. Se não desse certo eu volto, eu sempre fui muito de botar a cara. E muitas atletas não gostam dela por isso e porque ela aparecia e ela aproveitou essa questão toda de mídia em prol do futebol feminino. E por mais que o pessoal dissesse: “Ah, por que isso e aquilo”, mas ela utilizou muito isso e isso auxiliou muito porque muitas vezes o futebol feminino só apareceu porque eles queriam mostrar a Duda. Isso acaba auxiliando porque a mídia não foca muito no futebol feminino, de vez em quando lá uma reportagem. Hoje se tu for olhar o que aparece é quando a Duda coloca alguma coisa ou quando tem alguma coisa de Gauchão. Então até hoje não é muito diferente isso. Só que muitas pessoas acabam não gostando disso e não conseguem entender e separar isso. Mas como adversária sempre muito tranquila. A gente sempre foi de lados opostos, mas acho que só naquela vez na Seleção Gaúcha, no Inter que jogamos juntas e no Saad uma partida eu acho. No resto a gente sempre foi adversária, mas sempre nessa questão eu me dei bem... Tinha época da Bel também... Elas tinham uma disputa as duas na questão da “Bel e da Duda”...

S.R. – Pois é!

I.G. – Na questão de quem aparece mais porque aí a Bel saiu na Placar e na Playboy e deu toda aquela função. Elas tinham essa questão, mas sempre jogaram na mesma equipe. Só que elas disputavam um pouco a mídia.

S.R. – Até depois a Bel foi para o Grêmio...

I.G. – Foi... A Bel foi...

S.R. – E acho que a rivalidade aumentou...

I.G. – E a Duda jogava no Inter e a Bel no Grêmio. Só que a Duda lutou muito pelo Inter. Eu joguei no Inter naquela época, eu até não tinha... Depois eu fui para o Grêmio e ela disse: “Ah que tu quer fazendo aí?” E eu disse: “ Não, eu estou aqui porque eu vou montar o Grêmio”, porque eu sou gremista [risos], então, eu investia nessa questão do Grêmio, mas a questão que ajudou muito ela conseguir manter e investir muito nisso, foi esse suporte que ela teve da família, suporte financeiro, porque isso auxilia muito, né? Então muitas vezes ela: “Não dá por aqui, mas da de outro jeito”. Então isso facilitou muita ela poder investir nesse sonho dela e talvez fosse o sonho de muitas pessoas que não tinham como manter e fazer isso porque não tinham essa condição ou esse apoio financeiro. Vocês sabem que faz muita diferença né?

S.R. – Claro, com certeza.

I.G. – Tu poder investir em um sonho ou não. Então isso é uma realidade.

P.J. – Tu comentou também lá no começo que tu era bem mais nova e jogava com atletas bem mais velhas. Quando tu foi para o Saad tinha uma diferença do juvenil e do adulto e aí depois no São Paulo de novo tiveram atletas de quinze anos jogando com referências de seleção, que eram Sissi e Kátia Cilene...

I.G. – Sim, isso sempre acontecia naquelas épocas...

P.J. – Como é que tu avalia isso de ter... De não ter essa um nível de idade dentro de um clube feminino?

I.G. – O problema todo é porque a gente não tem categoria de base né? Não tem uma base no feminino e isso acaba forçando. Se tu tem um atleta de catorze anos se destaca e tu vai fazer o que com ela? Vai deixar ela parada, esperar até ela ter mais idade? Não. Tu acaba, acho que é meio instinto, puxando ela para a reserva. E tu puxa ela para a equipe adulta e isso ainda acontece no Brasil. Hoje deve ter competições de sub-15, sub-17, sub-20. Mas muito pouco! E isso em São Paulo e Rio, eu acredito que aqui e muitos lugares ainda aconteça isso. As jogadoras mesmo sendo mais novas, bem mais novas, elas acabam jogando nas equipes adultas porque não tem outra opção. Ou tu faz isso.. Então a tendência é puxar a jogadora. Eu acho que é muito... Tu pula etapas e isso é o grande problema do futebol feminino. Essas etapas, de fases de aprendizagem que tem nas categorias de base, o feminino não tem. Ele pula do zero para o... Ele dá um pulo só. E aí começam os problemas de fundamentos, são coisas que são treinadas nas categorias de base, então esses fundamentos o feminino não tem. “Bah” se tu visse o que era as goleiras lá. Por exemplo, assim, até a Maravilha⁷³ – eu adoro a Maravilha – quando a Maravilha chegou no Saad. Se tu visse ela nessa época e depois jogando sete, oito, nove anos depois, é de rir! Esses dias eu estava olhando as fotos e rindo! A Maravilha tem uma baita de uma cicatriz aqui na testa, do meu joelho, abriu um “rombo”! Até eu pego no pé dela: “Ó, marca registrada!”. De um jogo que a gente foi jogar contra os homens e ela foi sair do gol e não gritou e eu não vi que ela estava na bola, eu estava de costas, e eu corri e dei de joelho na testa dela. Abriu na hora! Tivemos que ir para o hospital fazer ponto, sangrou, foi horrível! E aí o treinador ainda xingou ela porque ela não falou e eu não vi que ela estava. E eu brinco: “Ó, deixei a marca registrada!”. Então assim, tu vê a evolução das atletas, mas devia ter acontecido lá quando ela tinha doze, treze anos. Que é a questão de queda na bola, postura, coisa que a maioria das goleiras aprenderam com vinte anos de idade e aí tu já não consegue mais a mesma coisa porque é mais fácil tu aprender quando tu é novo. E isso acho que é o grande problema de não ter base

⁷³ Marlisa Wahlbrink.

no feminino, tu não consegue trabalhar atleta com dez, onze, doze, treze, catorze anos. Quem consegue acaba se destacando. Tu trabalha e faz e acaba se destacando e isso é o que acontece. Se a gente tivesse dinheiro, meu deus do céu!

P.J. – E tu te recorda de outras equipes que eram as que mais se destacavam na tua época aqui no Rio Grande do Sul e também lá em São Paulo?

I.G. – No Rio Grande do Sul a gente tinha, no futsal, o Esperança⁷⁴ que se destacava muito. Tinha a equipe de Nova Petrópolis⁷⁵ que eu não me lembro o nome agora, o SER Bruxas que era o time da Duda e eram As “Bambambam”. Tinha o Cabe Mais Uma de Canoas, que era uma equipe boa, Que Zebra também era uma equipe boa que tinha na época. De nome assim eu não...

P.J. – E campo?

I.G. – Campo... Assim: por muitos anos o domínio do campo, que era a equipe que se manteve no futebol de campo, era do Independente Futebol Clube. Era uma equipe formada por atletas... Elas inclusive foram para o Rio de Janeiro jogar contra o Radar⁷⁶. Fizeram preliminar no Maracanã⁷⁷. E eu estou tentando levantar toda essa história, estou pensando seriamente. Esses dias que eu vi, eu fui na casa de umas das atletas, a Lili⁷⁸, uma foto delas no Rio de Janeiro e disse: “Bah, vocês...” aí eu me lembrei! Para vocês ver como a gente é! Eu me lembrei que elas foram realmente para o Rio e pensei que eu teria que levantar toda essa história porque tem o pessoal que tem todo esse histórico inclusive em fotos. Elas foram na época em que o Radar recém estava estourando, elas foram, jogaram e fizeram preliminar no Maracanã! Então o Independente foi uma equipe de campo que, fora o Inter, mais tempo se manteve. Que disputava, que jogava e ia para fora e para outros estados jogar, era uma equipe que se mantinha, que era um clube e era só o futebol feminino. O nome era

⁷⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁷⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁷⁶ Esporte Clube Radar.

⁷⁷ Estádio Maracanã.

⁷⁸ Nome sujeito a confirmação.

Independente formado por Macalão⁷⁹, Maria Anita⁸⁰, que eram jogadoras que jogaram muito tempo no Grêmio, no Inter, mas que montaram depois o Independente e tinham essa equipe. Foi a equipe que mais tempo de futebol de campo e acho que a que mais jogou por aí a fora campo naquela época. Quando a gente fala assim: “Ah, jogou no Independente!” porque na época era melhor jogar no Independente do que jogar em outro clube. Mas a maioria era futsal. O pessoal... porque o futsal é o que mantém o futebol feminino no Brasil vivo. Se não fosse o futsal eu não sei como é que seria! O que manteve as atletas... Geral assim. Todos os lugares que tu vê foi o futsal que manteve. Períodos e meses que não teve futebol de campo, mas que o futsal sempre esteve vivo.

P.J. – E em um cenário nacional, além do que tu já comentou do Radar e do Saad, quem mais tinha?

I.G. – Juventus⁸¹ teve muito por muito tempo uma equipe de futebol feminino e era muito boa. Tinha equipes do interior de São Paulo mesmo. Fora o Juventus depois a gente teve equipes como a Portuguesa de Desportos⁸² chegou a ter um período. O Palmeiras⁸³ chegou até uma época... Foi, nós, gremistas no Palmeiras na época do São Paulo. A questão do Palmeiras... O Corinthians teve um período, acho que agora voltou até com a equipe de novo. Mas o problema desses grandes clubes é isso, eles iniciam e depois terminam. Mas o Juventus acho que foi o que teve mais tempo equipe de futebol feminino de campo. Quando eu cheguei a São Paulo já existia o Juventus, eu saí do São Paulo e tinha o Juventus e até pouco tempo atrás tinha o Juventus. Então quer dizer ele se manteve por muitos anos. A Magali⁸⁴ ficou muito tempo no Juventus administrando então tem todo esse histórico do Juventus. Formou muitas atletas inclusive, no futebol de campo. No Rio acho que teve a Portuguesa de Desportos teve muitos anos também a equipe... Deixa eu me lembrar de outros. Não me lembro, teria que buscar! A memória às vezes falha, mas tem outras equipes de São Paulo assim que se destacavam, mas de cabeça assim agora eu não vou lembrar.

⁷⁹ Nome sujeito à confirmação.

⁸⁰ Nome sujeito à confirmação.

⁸¹ Clube Atlético Juventus.

⁸² Associação Portuguesa de Desportos.

⁸³ Sociedade Esportiva Palmeiras.

⁸⁴ Magali Fernandes.

P.J. – Toda essa tua trajetória, tu já comentou, teve muita conquista e também muita dificuldade. Qual foi o ponto que te marcou negativamente nessa tua trajetória?

I.G. – Negativamente o que mais me marcou acho que foi na época que eu me decepcionei em São Paulo com tudo que estava acontecendo. Acho que foi a parte que eu chutei o balde: “Ah, eu não quero mais isso aqui! Isso não me serve!” E foi essa parte aí que... Foi final de 1998, início de 1999 foi quando eu decidi. Porque o resto das dificuldades tudo tu supera. Todas as dificuldades que tu tem. A parte negativa tu supera, mas essa foi a parte que eu acho que foi pior. Tu vê que tem tudo para dar certo, mas tem o interesse por trás de pessoas que não estão nem aí para a modalidade e que acabam conseguindo destruir tudo o que tu construiu ao longo de um tempo muito grande por questões políticas e financeiras. E tu te desilude um pouco de tudo isso.

P.J. – E positivamente?

I.G. – Positivamente? [risos]

P.J. – Escolhe uma aí!

I.G. – Só uma? [risos] É que eu tive dois pontos que eu acho que foram muito... Épocas... Momentos muito bons! “Bah”, não posso dizer que aqui no Sul eu não tive porque na época do Funil eu gostava muito, então, foi um período que eu adorei, mesmo que, foi um crescimento de vida! Depois foi um período que eu tive com o juvenil no Saad que eu jogava tanto no masculino. Fui campeã brasileira jogando e consegui ser campeã estadual como treinadora e foi um período assim muito louco que eu trabalhei muito, mas que foi muito bom e muito feliz. E a conquista no Irã. Acho que o Irã pra mim foi meio que a coroação de um trabalho que eu tinha feito lá que eu larguei para trás, entendeu? E depois parece que veio a recompensa: “Não, espera aí, o trabalho que tu fez, agora vou te dar uma recompensa!”. Para mim parece que ser isso. Essa explicação que eu tenho. A questão do Irã mesmo lá da sementinha que eu plantei. Eu acho que eu não fiz muito no Irã, eu só plantei uma sementinha que eu estou vendo que está brotando então isso te dá... Pra mim isso já é uma alegria. Financeiramente o futebol nunca me deu muito dinheiro, isso nunca ganhei no

futebol! Mas o prazer e esse aprendizado de vida não tem o que falar. Em uma declaração, por exemplo, não tem dinheiro no mundo que pague algumas... De ver uma Emily dizer que se ela é o que é hoje, ela deve muito a essa pessoa. Então esse tipo de coisa é. Para mim não tem dinheiro que compre isso!

P.J. – Quer perguntar alguma coisa? Tem alguma coisa que a gente não perguntou que tu gostaria de contar ou compartilhar conosco?

I.G. – Acho que não. Que eu me lembre não! Falei quase toda a minha vida para vocês (risos). Faltou os podres [risos].

P.J. – Em outra ocasião [risos].

I.G. – Mas acho que é isso! Deve ter mais coisa, mas...

P.J. – Ivete, queria te agradecer mais uma vez pela entrevista. Acho que tem muita coisa que a gente pode continuar conversando em outro momento e também colocar o Centro de Memória do Esporte a disposição. Pode contar conosco!

I.G. – Eu cheguei a conversar com a Silvana⁸⁵ a respeito de... Eu não estou trabalhando no futebol, nem tenho como voltar agora até pela minha atividade profissional hoje não permitiria nem tempo para isso pela responsabilidade que eu tenho hoje, mas eu tive uma ideia muito rápida e comentei com ela e ela adorou a ideia. Eu estou começando, não digo agora, mas no início do ano que vem começar a fazer esse levantamento. A minha ideia é fazer todo um levantamento histórico da história do futebol feminino no Rio Grande do Sul. Dos últimos vinte anos ou dos vinte cinco anos pelo menos. Então já vou iniciar isso gradativamente e talvez isso se transforme em um livro ou algo assim para que as futuras gerações tenham conhecimento do que existia nesse período do futebol feminino. Então como eu tenho esse contato com a maioria dessas pessoas e o que eu não tiver contato eu consigo, corro atrás e consigo, para fazer todo esse levantamento e deixar isso registrado

⁸⁵ Silvana Vilodre Goellner.

porque isso fica muito no... Muita coisa já se perdeu. Então a minha próxima empreitada no futebol seria isso.

P.J. – Então era isso. Muito obrigada!

I.G. – Ah, eu que agradeço!

[FINAL DA ENTREVISTA]